



O TREM DAS PROFESSORAS: REFLEXÕES SOBRE AS IDENTIDADES NARRATIVAS DAS PROFESSORAS PRESENTES EM MÚSICAS BRASILEIRAS

George Emmanuel do Nascimento Araújo¹

Ada Augusta Celestino Bezerra²

GT6 – Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade.

RESUMO

Neste *paper* tive o objetivo de exercitar uma rápida análise das relações entre narrativas ficcionais a respeito das personagens da professora e da normalista idealizadas em músicas nacionais com contextos histórico-sociais da educação brasileira. As músicas foram selecionadas sob o critério da existência representações do “papel” social da mulher na profissão docente. A delimitação temporal é 1750 até 1942. Também levei em consideração alguns textos acadêmico/científicos que já se dispuseram a tratar da mulher como sujeito/objeto da nossa história. Esses textos suportam teoricamente o objeto desse exercício: *Sambas e chorinhos boêmios*. Nesse texto, além de levantar questionamentos a respeito do “ideal de mulher” dos períodos históricos brasileiros, eu brinco e me divirto ao mesmo tempo que faço saber o leitor sobre as sátiras e ironias levantadas pelos vários “eus” líricos das poesias narradas nessas músicas de outrora. Notei que, apesar de muitas dessas músicas serem consideradas sexistas hoje, faziam parte de um “sonho helênico” do tempo de seus criadores.

Palavras-chave: Profissão Professora. Música Brasileira. Mulher.

ABSTRACT

In this paper I had the objective of exercising a quick analysis of the relations between fictional narratives about the characters of the teacher and the normalist idealized in national songs with historical and social contexts of Brazilian education. The songs were selected under the criterion of the existence of representations of the social "role" of women in the teaching profession. The temporal delimitation is 1750 until 1942. I also took into consideration some academic / scientific texts that have already been prepared to treat women as subject / object of our history. These texts theoretically support the object of this exercise: *Sambas and Bohemian chorinhos*. In this text, in addition to raising questions about the "woman's ideal" of Brazilian historical periods, I play and amuse myself while I let the reader know about the satires and ironies raised by the various lyric "I's" of the poetry narrated in these songs of old. I noticed that although many of these songs were considered sexist today, they were part of a "Hellenic dream" of their creators' time.

Keywords: Teacher. Brazilian music. Woman.

¹ Bolsista do Mestrado em Educação - Linha Formação de Professores - Universidade Tiradentes; Licenciado em Letras - Inglês pela Universidade Tiradentes (UNIT). Pesquisador Voluntário TRANSEJA/OBEDUC/UNIT/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professores (GPGFOP/UNIT/CNPq). E-mail: <acad_george@yahoo.com.br>.

² Pós-Doutora em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Pt). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (IESAE/FGV-RJ). Pedagoga pela Universidade Federal de Sergipe. Professora Titular Pleno 2 do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (UNIT – SE). Coordenadora do Observatório de Educação da UNIT/CAPES. Coordenadora Local do DINTER PUCRS/UNITSE. Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professores (GPGFOP/UNIT/CNPq).



INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que no Brasil de setecentos ainda não haviam mulheres exercendo o magistério? Se ainda não se pode afirmar com demasiada precisão, um olhar mais atento para o passado tende a nos dizer que dificilmente isso acontecia. Os trabalhos eram outros, a depender do perfil da cidade em que elas se encontravam: “criação, plantação de coqueiro e de mandioca, engenho de fazer fumo e alqueires de sal.” Estas eram algumas das profissões que as Mulheres de Posses do século XVIII, cujos “rostos eram cobertos pelo véu da legislação portuguesa” foram identificadas por SANTOS (2016) em seu trabalho historiográfico a respeito da instrução dos órfãos menores da Capitania de Sergipe Del Rey.

No mesmo trabalho, por exemplo, a autora afirma que os primeiros mestres eram de ordem religiosa, mais precisamente da ordem dos Jesuítas, afamados personagens no processo de colonização das terras que ainda pertenciam a coroa portuguesa, responsabilizados pela *Doutrinação* e pela Catequese dos povos colonizados. Na ordem dos Jesuítas, ordem filiada à Igreja Católica Apostólica Romana, a participação de mulheres era incogitável³. Neste sentido, não é irresponsável cogitar o fato de que não existiam mulheres exercendo o ofício formal de professores. Ao menos não oficialmente (vejam o caso de Joana). Dessa maneira, nos anos setecentos ainda não chegara a vez das mulheres terem sua participação oficializada na educação formal do país. Contudo, isso não quer dizer que não participassem da criação e educação informal dos seus filhos.

Já nos oitocentos, principalmente após a “expulsão” do ensino jesuítico pela reforma promovida pelo Marquês de Pombal, em resposta às necessidades de revolução que a coroa portuguesa tanto sentia, ocorreram várias mudanças em relação ao professorado. Contudo, nada que pudesse intervir diretamente em uma “abertura” da profissão às mulheres da época. Para exemplificar essa afirmação, tomemos o exemplo do Seminário de Olinda, fundado pelo bispo Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. O Seminário foi inaugurado em 16 de fevereiro de 1800, que marcava a virada do século. Sua primeira turma tinha 32 seminaristas (aspirantes a padres) e seu currículo e corpo docente era assim constituído:

³ Curiosamente a ordem dos jesuítas já recebeu uma mulher. Seu nome era Joana de Áustria, que era a filha de Carlos V e a imperatriz de Isabel de Portugal. Joana nasceu em 24 de junho de 1535 em Madri. que assumira o pseudônimo de Mateo Sánchez. Devido a sua boa relação com Inácio de Loyola e após muita insistência, conseguiu fazer parte de maneira secreta. Ainda conseguiu fundar o Convento das Descalças Reais em 1557. (BELLO, 2017).



Teologia Dogmática – **Frei José Laboreiro** – monge da ordem de São Jerônimo vindo de Portugal na companhia do Bispo Azeredo Coutinho;
História Eclesiástica – cônego **Miguel José Rinau**, mais tarde reitor e vigário-geral do bispado;

Teologia Moral – **Frei Bento da Trindade**, português e conhecido em sua época por Frade Grilo...

Filosofia Universal - **Frei José da Costa Azevedo**, natural do Rio de Janeiro, mas regia a cadeira de Ciências Naturais em Lisboa, [...]; **Matemática** – **Frei Miguel Joaquim Pegado**, também vindo de Portugal a convite do Bispo e ocupando depois a reitoria do mesmo seminário;

Retórica e Poética – **Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro**, rio-grandense do norte e que exerceu o cargo até 1817, quando deu a própria vida na defesa de seus ideais revolucionários;

Língua Grega – **Padre José Joaquim de Castro**;

Gramática Latina – **Padre Luís Florentino de Almeida**, pernambucano e afamado latinista;

Canto-Chão – **Padre Antônio de Sant’Ana**, egresso da ordem dos capuchinhos.

Primeiras Letras – **Padre Miguel de Miranda**;

Desenho – **Padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro**, pernambucano e figura de destaque da Revolução de 1817, da qual foi uma das vítimas. (CAMARA, 1986, p. 287. Grifos meus).

Apesar do currículo ser notável (a julgar pela época), talvez justificado pelas tendências revolucionárias que o Seminário de Olinda representava e exercia em seu tempo, o leitor pode ter notado a forte presença masculina entre os membros integrantes do corpo docente. Mais uma vez, apesar dos ares revolucionários alimentados pelas ideias iluministas da época, ainda não houve espaço para maior presença da mulher no exercer da profissão docente no Brasil dos oitocentos. Mas isso até a Reforma do Ministro do Império, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, de 1835, em que apareciam exigências rigorosas para o exercício do magistério público e particular, principalmente das professoras.

O TREM DA MADRUGADA

Em meados da virada do século XIX para o século XX, contudo, uma parcela da humanidade começa a vivenciar alterações drásticas em seu modo de viver, locomover e comunicar. Entre 1880 e 1920, o processo de industrialização e urbanização alcançaram níveis nunca antes vistos. Fenômenos sociais começaram a pipocar em cidades grandes estrangeiras como Chicago, cuja gestão político-social tornavam-se cada vez mais complexas (principalmente depois dos dois incêndios que acometeram a cidade, um em 1871 e outro em 1874). A imigração, a formação dos *ghetos*, o aumento da violência foram fatores que desencadearam várias iniciativas em busca de melhor compreendê-los. Dentre as mais conhecidas, temos a Escola de Chicago e suas diversas vertentes de estudo, a exemplo de Dewey, conhecido pelo pensamento pragmatista e Mead (1863-1931), considerado o fundador



do interacionismo simbólico. O fato é que, a partir de várias correntes de pensamento da Escola de Chicago e de outras grandes metrópoles que passavam por processos de industrialização, cada vez mais começou a se pensar na relação entre o homem e o mundo a sua volta (com um foco especial nas máquinas, a matéria e no modo de se comunicar e se relacionar na sociedade).

Um dos brasileiros que entrou em contato com esses novos ideais foi o próprio Anísio Teixeira. Baiano natural de Caitité, que teve a oportunidade de cursar o Master of Arts na Teacher's College, dentro da Columbia University (uma das mais antigas e renomadas universidades estadunidenses de sua época). Após o contato com os novos ideais modernistas, desenvolveu um trabalho com algumas influências do pragmatismo (apesar de na época, poucas vertentes o identificassem como tal). Ao voltar para o Brasil, juntamente com outros representantes do movimento chamado “Escola Nova”, começaram a *pensar* a educação no que diz respeito ao que hoje é considerada uma teoria de currículo “tradicional”. Ou seja, a pensar o aluno, a escola, o método (eram vários), o professor (inclusive a sua formação) e, claro, na professora ou *normalista*.

Após o Regulamento de 1906, que estabelecia as diretrizes básicas para a função e o “perfil” do professor, as mulheres começam a consolidar sua presença no planejamento profissional docente. Isso acontece ao mesmo tempo em que os novos fenômenos sociais também aconteciam dentro da cultura e da sociedade brasileira.

Vejamos como isso aconteceu a partir de uma pesquisa historiográfica de FARIA FILHO (2015) cujo objeto de estudo tratou-se da cultura escolar e urbana além de ter o objetivo de entender o processo de complexificação da instituição escolar, a história da educação pública primária em Belo Horizonte a partir dos Grupos Escolares e seus sujeitos entre 1906 a 1918.

A respeito da mulher enquanto diretora, afirma que era:

responsável pela divisão dos trabalhos escolares, a fiscalização permanente, a uniformidade na execução dos programas, o estímulo aos professores e alunos, a ordem, a disciplina e a higiene. Elas são **a alma** desses estabelecimentos.” FARIA FILHO (2015, p. 95) Grifos meus.

A respeito da mulher enquanto professora, e a preferência do sexo feminino para o exercício do cargo afirma que:



O Regulamento de 1906 estabelece a preferência da professora para o ensino primário - é o meio de abrir à mulher mineira uma carreira digna e proporcionar-lhe ensejo de ser útil à pátria; A mulher melhor compreende e cultiva o caráter infantil, e a professora competente é mais apta para a educação sem corrupções do coração e sem degradações do caráter; Acresce que a professora com mais facilidade sujeita-se aos reduzidos vencimentos com que o Estado pode remunerar o seu professorado; FARIA FILHO (2015, p. 108) Grifos meus.

É importante ressaltar que, antes da virada do século XIX, a Escola Normal já formava mulheres para a profissão de professora, mas sob rígidas normas de conduta moral. Para serem admitidas e tornarem-se “normalistas”, como eram chamadas na época de 1832 até 1950 (Última década da Escola Normal), deveriam apresentar várias provas para acreditar a sua integridade moral perante a sociedade.

Creio que é aqui que acontece o fenômeno da “feminização do magistério” apontada por FARIA FILHO (2015) e consequente alteração das características das personagens históricas. A mulher inicia um processo de vinculação, (oficialmente e com acreditação legitimada do Estado e da sociedade) da sua complexidade humana com a profissão de professora. Esse argumento é acertado por FARIA FILHO (2015) ao afirmar que a mulher tinha a vocação, a competência e o amor, considerados requisitos indispensáveis ao exercício da profissão docente. Inicia-se, aí, um longo processo de ressignificação do professorado da educação brasileira.

Contudo, diferentemente de uma “feminização do magistério” acredito, juntamente com KULESZA (2015) que ocorrera diferente. Não se trata da imputação da masculinização da mulher professora, mas sim de uma “anestesia” de suas características femininas justificadas pela visão sociocultural em que a profissão docente veio trilhando no país, muitas vezes paralela ao ensino religioso. Temos um arquétipo identitário: a professora com roupas discretas, com saias abaixo do joelho, decotes nada aparentes, casada nos conformes da lei (apesar de existirem indícios em músicas de que as “Normalistas” precisavam finalizar o curso antes de exercer a profissão e iniciar qualquer elo matrimonial), as vezes de óculos e quase sempre muito belas. Devidamente instruídas nos procedimentos de alguns métodos e abordagens, seguiam normas de conduta dentro e fora da escola. Devido a sua singularidade pitoresca (de mulher com *femininidade* reduzida), pergunto quantos não foram os produtores culturais (incluindo os músicos) que fertilizaram o imaginário popular a respeito da professora ou da normalista. Chegou a hora de juntos investigarmos essa história.



AS PERSONAGENS DAS MULHERES “IDEAIS”, DAS MULHERES “NORMAIS” E DAS MULHERES “SENSUAIS”

Aqui, discorrerei a respeito do lugar da personagem na narrativa de ficção. Para ajudar nessa tarefa, uso um texto que considereei chave para introduzir o tema de estudo da personagem na narrativa. Falo de *A Personagem*, da Profa. Beth Brait, doutora em letras, crítica literária e professora do Ensino Superior em São Paulo. Em paralelo, temperei a discussão com outros autores.

Na primeira sessão de sua obra, BRAIT (1985) problematiza a relação entre pessoa-personagem. Como ponto de partida ela usa um conceito encontrado no *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*, de DUCORT & TORDOV (1972), obra com definições mais específicas da qual tive acesso e também fiz leitura cuidadosa. Basicamente, em suas definições, os autores afirmam que existem várias categorias diferentes das noções de personagens. Essas categorias permaneceram por muito tempo “obscuras” nos estudos da Poética. Isso por causa da tendência dos autores e dos críticos do séc. XIX de reagirem contra a submissão à personagem, colocando-a em segundo plano e dando mais importância, literalmente, a forma como o texto era pintado na folha do papel. A personagem ficara, portanto, em um plano último de importância nas tramas.

As categorias descritas por DUCORT & TORDOV foram Personagem e Pessoa; Personagem e visão; Personagem e atributos; Personagem e psicologia. A primeira delas nos permite problematizar a questão da personagem em uma dimensão que nos interessa mais. Na categoria Personagem e Pessoa, os autores afirmam:

Uma leitura ingênua dos livros de ficção confunde personagens e pessoas vivas. Chegou-se mesmo a escrever “biografia” de personagens, explorando até partes de sua vida falantes no livro (Que fazia Hamlet durante seus anos de estudo?). Olvida-se então que o problema da personagem é antes problema de tudo linguístico, que ela não existe fora das palavras, que é um “ser de papel”. Entretanto, recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens *representam* pessoas, segundo modalidades próprias à ficção. (DUCORT & TORDOV, 1972, p. 210).

Apesar dessa relação entre pessoa e personagem, BRAIT (1985) volta a tentar estabelecer algumas diferenças. Nessa relação, a autora afirma que:

Partindo da premissa de que a personagem é um habitante da realidade ficcional, de que a matéria de que é feita e o espaço que habita são diferentes da matéria e do espaço dos seres humanos, mas reconhecendo também que essas duas realidades mantêm um íntimo relacionamento, cabe inicialmente perguntar: • De que forma o escritor, o criador da realidade ficcional passa da chamada realidade para esse outro universo capaz de sensibilizar o receptor? • Que tipo de manipulação



requer esse processo capaz de reproduzir e inventar seres que se confundem, em nível de recepção, com a complexidade e a força dos seres humanos?

Ao responder essas perguntas, a autora afirma que a ideia de **reprodução** e a **invenção** de seres humanos combina-se no processo artístico, artesanal, por meio dos recursos de linguagem que dispõe o autor. Parafraseo um paralelo com o caso dos professores de ópera: ao mesmo tempo em que um emissor/criador/autor expressa e narra a sua própria realidade (vida), ainda que distorcendo-a mimeticamente no mundo, criando ou recriando suas narrativas com ou sem ficção (memórias falsas?), pode conseguir apontar de forma mais dramática e arrebatadora para a realidade exterior à narrativa, justamente porque as memórias, episódicas ou semânticas, feitas na narrativa de palavras, reinventam e fazem explodir múltiplos ângulos de uma determinada realidade. É a partir desse movimento que o sujeito se (re)produz e se (re)inventa, colocando-se na narrativa como uma personagem de *si*. Mas, para que se coloque na narrativa como personagem-pessoa, uma reflexão é necessária. Dizer que primeiro eu sou um *ser* (*self*). Depois que adquiro a habilidade de refletir sobre mim e me ver no mundo, eu me faço e (re)faço em um *ser* de palavras através da linguagem. Eu me digo, e digo o que for dizível. Aquela tal fatia de vida. A etapa adicional é o registro e a grafia de algo que não seja tão efêmero como a palavra que se esvai no vento ou que se perde na memória. O corpo que me diz, além de palavras, como aqueles seres ficcionais, é feito carne e matéria orgânica, mas apenas significado pela própria palavra, que me anuncia e que é reproduzida por mim e pelos outros através da minha narrativa além de (re)inventada também por mim e pelos outros.

Por que estou utilizando uma teoria de formação de personagens de universos ficcionais para explicar o processo de (auto)colocação de *si* numa narrativa (auto)biográfica? Porque, assim como a **reprodução** e a **invenção** de personagens é possível de se fazer na direção realidade-ficção, me pergunto quanto dessas personagens, seus pensamentos de papel (e de palavras), suas ideias e as estruturas dos universos ficcionais em que vivem, também não podem ser “transportados” para a realidade, numa direção ficção-realidade. O que dizer do romance social com mais de dez mil páginas *A Comédia Humana*, do “historiador de costumes” Honoré de Balzac, cuja ambição fora fazer uma grande obra de cunho social da sociedade parisiense dos mil e oitocentos? O que dizer da ficção de Victor Hugo, que antecipou a invenção do submarino em *Vinte Mil Léguas Submarinas*? O que dizem os cientistas e pesquisadores da astronomia da NASA sobre as infâncias regadas de *Jornada nas Estrelas* (*Star Track*)? Se a ficção já acertou algumas vezes, algo de útil pode sair daqui. Sim,



existe uma grande vantagem de se trabalhar com universos ficcionais: é um grande laboratório para testar o que é possível, o que pode ser possível, e o que ainda se julga incogitável. Os universos ficcionais, como os universos das narrativas operísticas, são espaços em que a vida humana é posta em extremos trágicos, cômicos, românticos, e porque não apaixonantes. É o território do possível, onde e quando os diversos sistemas de crenças são postos em constante tensão e consequente renovação.

Ao refletir sobre esse tipo de teoria de formação de personagens de mundos fictícios, quem sabe não encontremos ajuda para refletir sobre as teorias de formação de professores? Melhor ainda, propor aos professores que construam uma narrativa (auto)biográfica, e permitir-lhes dramatizar (quase num nível ficcional) o que lhes for mais importante pode fazer com que eles sejam as próprias personagens desses laboratórios interiores, desses universos até agora particulares. Isso pode ser o primeiro passo para chegar a algum lugar ainda desconhecido, ainda melhor que um submarino. Lugares ainda não alcançados, mas que estão a ponto de serem um pouco descobertos pela proposta exploratória dessa pesquisa.

Agora que dissertei sobre uma teoria base da personagem, convido o leitor para fazer uma breve retrospectiva e revisitar um pouco do passado. Considere usar alguma tecnologia para ouvir as músicas e entrosar-se mais com a proposta que se seguirá na análise:

Professora (Benedito Lacerda e Jorge Feraz)

Vestida de azul e branco; Trazendo um sorriso franco; **Num rostinho encantador; Minha linda normalista;** Rapidamente conquista; Meu coração sem amor; Eu que trazia fechado; Dentro do peito guardado; Meu coração sofredor; Estou bastante inclinado; **A entregá-lo ao cuidado; Daquele brotinho em flor; Mas a normalista linda;** Não pode casar ainda; Só depois que se formar; Eu estou apaixonado; O pai da moça é zangado; E o remédio é esperar. Letra de Normalista © Irmãos Vitale S/A Indústria E Comércio.

(LACERDA & NASSER, 1937)

Ai que saudade de Amélia (Atalufo Alves e Mário Lago)

Nunca vi fazer tanta exigência; Nem fazer o que você me faz; Você não sabe o que é consciência; Não vê que eu sou um pobre rapaz; Você só pensa em luxo e riqueza; Tudo o que você vê, você quer; Ai meu Deus que saudade da Amélia; Aquilo sim que era mulher; Às vezes **passava fome ao meu lado; E achava bonito não ter o que comer;** E quando me via contrariado dizia; Meu filho o que se há de fazer; Amélia **não tinha a menor vaidade;** Amélia que era a mulher de verdade. (ALVES & LAGO, 1942);

Normalista. Eu a vejo todo o dia; quando o sol mal principia; a cidade a iluminar; eu venho da boemia; e ela vai, quanta ironia; para a escola trabalhar!; Louco de amor no seu rastro; vaga-lume atrás de um astro; atrás dela eu tomo o trem...; e no trem das professoras; em que outras vão sedutoras ; eu não vejo mais ninguém.; **Esta operária divina;** que lá no subúrbio ensina; as criancinhas a ler; naturalmente condena; na sua vida serena; o meu modo de viver; condena porque não sabe; **que**



toda culpa lhe cabe; de eu viver ao Deus-dará; menino querendo ser; para com ela aprender; novamente o bê-a-bá. (LACERDA, FERAZ, 1938)

CONCLUSÕES

Foi possível, a partir dessa retrospectiva histórico cultural, resgatar a discussão a respeito do percurso profissional que a mulher do século XVIII a XX trilhou, sendo a de professora e a normalista, duas delas.

O personagem histórico da mulher, em face aos novos desafios que os tempos modernos começam a lhe oferecer, vem experimentando processos de transformações em suas múltiplas identidades. Areladas a isso, percebi constantes dimensões durante o processo de crescimento e participação do papel social que tem executado.

Notei que, apesar de muitas dessas músicas serem consideradas sexistas hoje, faziam parte de um “sonho helênico” do tempo de seus criadores, que alguns sensíveis e outros nem tanto, notaram essa transformação da feminilidade da mulher e sonhavam, quase romanticamente, um amor quase impossível com a tão sonhada professora.

Esse exercício ainda está em desenvolvimento, por esse motivo, algumas nuances de análises e conclusões ainda não podem ser apresentadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luiz Gilberto. **O Pensamento burguês no Seminário de Olinda 1800 – 1839**. Campo Grande – MS: 2ª edição. Editora Associados. Editora UFMS, 2001.

BELLO, Adriana. **Conheça a única mulher jesuíta da história**. Disponível em <<https://pt.aleteia.org/2017/08/02/conheca-a-unica-mulher-jesuista-da-historia/>> , acessado em <07/10/2017>.

CÂMARA, Fernando. **O Seminário de Olinda e o seu Fundador**. Revista do Instituto do Ceará. Revista do Instituto do Ceará - ANNO C – 1986. Disponível em <<https://www.institutodoceara.org.br/revista.php>> Acessado em 29 de setembro de 2017.

CALDAS, Silvio. Professora – Silvio Caldas. **Youtube**, 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wLQVSyCTctQ>> Acessado em 29 de setembro de 2017.

SANTOS, Vera Maria dos. **A mulher de posses e a instrução dos órfãos menores na Capitania de Sergipe Del Rey no Século XVIII**. Fortaleza: Impreca, 2016.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. 2ª edição. Passo Fundo: EDUPF, 2015.



LACERDA, Benedito e FARAIZ, Jorge (1937). **Professora**. [S.l.]: Odeon. Disco sonoro 78 rpm.

LACERDA, Benedito; FARAIZ, Jorge. **Professora**. Interprete: Sylvio Caldas e Conjunto Regional. Disco Odeon. 1937. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=li4efwVZIMo>>, acessado em <09/12/2017>.

NELSON GONÇALVES. **A Normalista**. Compositores: Benedito Lacerda / David Nasser. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z2UfRnGxHOs>>, acessado em <04/02/2018>.

KULESZA, Wojciech Andrzej. **A sedução da professora**. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Tecnologia e Civilização. Anais de Eventos. Paraná, Brasil. 2005 Disponível em <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos.html>>